

Riscos na nuvem

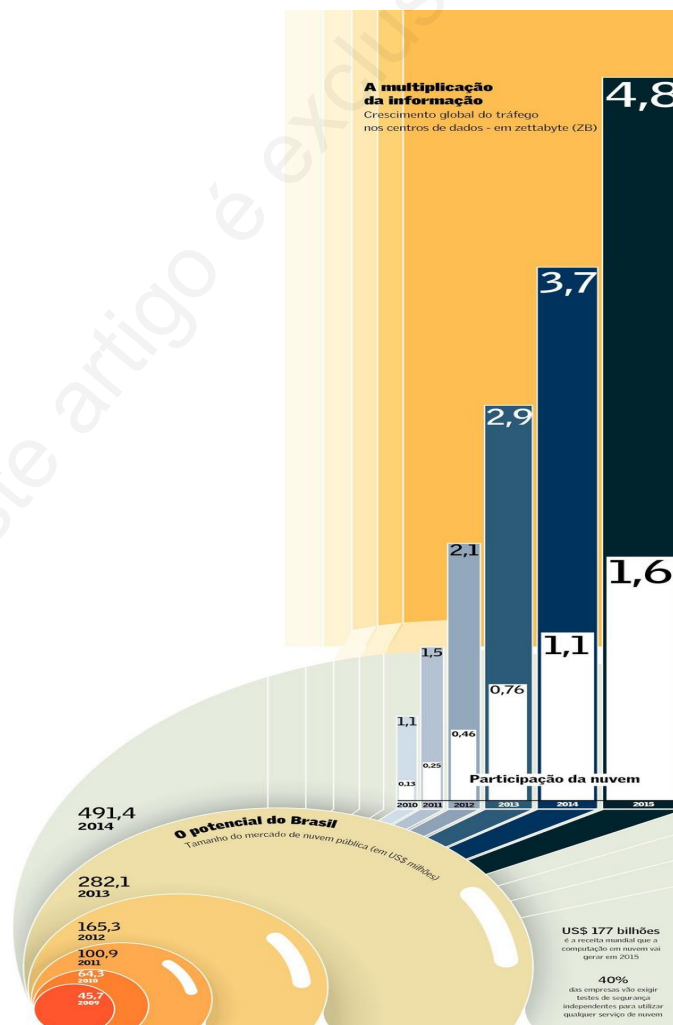
Cecília Araújo

Proteção dos dados depositados na nuvem impõem estratégias diferenciadas ao setor de Tecnologia da Informação.

A computação em nuvem apresenta desafios enormes para o segmento de tecnologia da informação (TI), especialmente quando o tema é segurança digital. A rigor, essa arquitetura permite "pendurar" na internet dispositivos que vão de aparelhos celulares a eletrodomésticos e automóveis, gerando tráfego de informações inédito no mundo. De acordo com estudo realizado pela Cisco, o volume de dados vai crescer 33% ao ano entre 2010 e 2015. Até 2014, mais da metade dos trabalhos processados nos servidores ocorrerá no ambiente da nuvem. "Estamos diante de uma grande revolução nos serviços de comunicação de dados", observa Marcelo Menta, diretor regional de serviços gerenciados e nuvem da Cisco.

Cassio Dreyfuss, vice-presidente do grupo de pesquisa Gartner, informa que a adoção da nuvem é apenas questão de tempo e estratégia inevitável para ampliar a competitividade em qualquer tipo de negócio. Ele define o crescimento dessa tecnologia como um caminho sem volta, a exemplo do que aconteceu na migração de redes centradas em mainframes para a arquitetura cliente-servidor e a grande explosão dos serviços baseados em internet.

"Não dá para ignorar a força desta tecnologia. A evolução das aplicações e o conhecimento deste ambiente vão tornar a operação cada vez mais segura", comenta. O Gartner estima que perto de US\$ 90 bilhões foram gastos na nuvem pública no ano passado. Para 2015, espera-se o total de US\$ 177 bilhões (ou 5% do orçamento global de tecnologia da informação), a conta inclui a contratação de serviços de infraestrutura, sistemas computacionais e softwares.



Entre os atrativos da arquitetura está a combinação de tecnologias que resulta na oferta de serviços escaláveis e elásticos, padronizados e compartilhados entre muitos clientes. Todos entregues pela internet. O conjunto de características permite que o cliente pague só pelo que usa, transformando a TI em um serviço básico como o fornecimento de energia elétrica. Para acessar dados e aplicações corporativas, basta um computador, um tablet ou telefone inteligente. A economia com recursos tecnológicos pode chegar a 60% em alguns casos. Já a contratação rápida de maior capacidade de processamento é capaz de garantir agilidade para novos projetos.

Apesar de vantagens como redução de custos e aumento da produtividade, a imagem de que a nuvem é um gigantesco computador que vai armazenar todos os negócios - difundida pelo autor canadense Don Tapscott ("Wikinomics") - ainda é perturbadora para a maioria das corporações brasileiras. Migrar soluções críticas para um ambiente computacional de larga escala e pouco controle provoca dúvidas. Em levantamento realizado pelo Gartner no Brasil, apenas 11% das empresas declararam-se receptivas ao modelo de computação em nuvem. "Ainda há muito preconceito em relação à solução", identifica Dreyfuss.

Entre os principais inibidores para adotar serviços de um provedor externo estão a falta de confiança no fornecedor, preocupações com o sigilo das informações e com a segurança da propriedade intelectual e a perda de controle. Para quem está acostumado a saber onde está o seu servidor e a comandar o arsenal digital para protegê-lo, a computação em nuvem é uma mudança de hábito agressiva e que exige "desapego" de uma infraestrutura própria de tecnologia.

Além de delegar os sistemas, as empresas têm dificuldade em confiar na infraestrutura de TI no Brasil. Computação em nuvem depende de largura de banda para funcionar. Apesar de as operadoras de telecomunicações destinarem investimentos importantes para ampliar a cobertura das redes, o país ainda apresenta baixa taxa de densidade (7,1 conexões por grupo de cem habitantes), nos links de alta velocidade. "Este problema precisa ser combatido. O plano nacional de banda larga (PNBL) tem de dar resultado", alerta Dreyfuss.

Para terceirizar infraestrutura, plataforma computacional e sistemas, as empresas devem pedir em troca contratos que garantam integridade, confiabilidade e disponibilidade dos serviços. A escolha do provedor faz toda a diferença. "Os fornecedores reconhecidos no mercado têm infraestrutura moderna e capacidade de investir constantemente em tecnologia, o que garante soluções robustas de segurança", lembra Julian Nakasone, executivo da PromonLogicalis.

Na nuvem pública, as aplicações podem estar em qualquer centro de dados do globo, concorrentes podem dividir a mesma base computacional e os contratos estão sujeitos a legislações de diferentes países. "A empresa deve compreender como seus dados estarão segregados da concorrência e protegidos de invasores. Tudo tem de estar em contrato", alerta Amândio Balcão, chefe da divisão de segurança de sistemas de informação do Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer.

Para ele, as ameaças atuais na comunicação de dados continuarão a existir e, com a nuvem, surgem novas vulnerabilidades. Por isso, algumas empresas tendem a criar suas próprias nuvens, com sistemas privados que garantam os ganhos da tecnologia com maior controle. A desvantagem, neste caso, está no custo, que deixa de ser compartilhado com outras companhias. "O cibercrime avança junto com a computação e independe da adoção da nuvem. A melhor opção é compartilhar o uso e buscar as melhores opções para a segurança."

Nesta briga de gato e rato, entre 'cibercriminosos' e indústria de tecnologia, o segmento de soluções de segurança virtual tem visto as vendas disparar. De acordo com empresa de pesquisa Infonetics, o faturamento mundial do setor cresceu 57% no ano passado, movimentando algo em torno de US\$ 670 milhões. A expectativa é de que a segurança digital gere receita de US\$ 1,75 bilhão em 2015. Entre os motivos para o forte avanço está a adoção de computação em nuvem.

Segundo estudo do Gartner, 40% das empresas vão exigir testes de segurança independentes ao contratar serviços de um provedor em 2016. "O mercado vai evoluir para soluções capazes de monitorar dados em tempo real e rastrear qualquer tentativa de ataque aos servidores", explica Fernando Nery, diretor de desenvolvimento de negócios da Módulo, especializada em segurança digital.

Pequeno negócio lidera a expansão

A computação em nuvem deve gerar negócios de US\$ 491,4 milhões no Brasil em 2014. A estimativa é da consultoria IDC e leva em conta o faturamento na contratação de serviços de infraestrutura, plataforma computacional e software. No entanto, o campo fértil não está nas grandes empresas. Os negócios de pequeno e médio porte, onde os orçamentos são mais modestos, comandarão a expansão da nuvem no país nos próximos anos. "Quem não pode mais esperar vai direto para a nuvem", diz Anderson Figueiredo, gerente de pesquisa da IDC.

Essa demanda reprimida atrai provedores de serviços como a Amazon para o Brasil. Os competidores internacionais também querem surfar a onda do crescimento econômico brasileiro, com a oferta de soluções para empresas. "Somos o sexto mercado de TI do mundo. Em 2011, o segmento somou receitas de R\$ 95 bilhões", conta Antonio Gil, presidente da Brasscom - entidade que congrega as empresas brasileiras de TI.

O preço acessível é o principal argumento para empresas de menor porte adotarem sistemas como o de gestão empresarial (ERP) e relacionamento com clientes (CRM). A Microsoft empacotou para a nuvem o Office 365, que pode agregar ferramentas utilizadas para edição de texto, planilha, correio eletrônico e banco de dados a aplicações que permitem a colaboração e aumentam a produtividade.

Pela nuvem, a utilização dos softwares custa de US\$ 6,00 a US\$ 24,00 por usuário por mês e o cliente só paga pelo que utiliza. "É um novo modelo de venda para a indústria de software. O usuário quer ampliar e diminuir o número de licenças de acordo com sua necessidade. Também não quer investir em servidores pesados", diz Paula Bellizia, diretora de marketing da Microsoft.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 28 fev. 2012, Especial Segurança digital, p. G1.